

Marina Vigário  
Universidade do Minho

*Quando meia palavra basta:  
Apagamento de palavras fonológicas em estruturas coordenadas\**

*0. Introdução*

Neste artigo exploramos um fenómeno interessante pela sua complexidade e pelos problemas que coloca no domínio da articulação entre diversas componentes da gramática. Trata-se do apagamento de constituintes em estruturas coordenadas parcialmente idênticas.

A coordenação de advérbios formados com *-mente* é, seguramente, a estrutura prototípica em que surge este tipo de apagamento no Português e em geral a única que aparece referida nas gramáticas normativas da língua (e.g. Cuesta e Luz 1971:540, Nunes de Figueiredo e Gomes Ferreira 1979:301, Cunha e Cintra 1984:543). Os exemplos em (1), retirados de Cunha e Cintra (1984), ilustram o fenómeno.

- (1) lúdica e religiosamente  
veloz, larga e fogosamente

Como veremos abaixo, existem outras estruturas morfológicas sujeitas a este processo de apagamento, que passamos a designar por Apagamento em Estruturas de Coordenação (AEC).<sup>1</sup> No seguimento deste artigo, mostramos ainda que o fenómeno depende crucialmente de condições de natureza fonológica e compilamos evidências de que este não é um processo morfológico ou sintáctico.

Dados de outras línguas ou variedades revelam que este tipo de processo está longe de ser específico do Português Europeu (cf. Booij 1985, 1988 para o Neerlandês, Wiese 1993, 1996, Kleinhenz 1994, Hall 1999a para o Alemão, Schwindt 2000 para o Português do Brasil, Fabra 1956, J. Mascaró e P. Prieto c.p. para o Catalão e Castelhana). Os detalhes das condições a que o processo está sujeito parecem, contudo, variar grandemente de língua para língua, justificando o seu estudo mais detalhado.

*1. Descrição preliminar das estruturas que admitem apagamento*

Entre as estruturas coordenadas que admitem apagamento, encontram-se, como vimos, *palavras sufixadas*. Os exemplos em (2) mostram que, para além destas, *palavras prefixadas* e certos *compostos* também podem surgir em estruturas de AEC.

- |        |   |   |                           |
|--------|---|---|---------------------------|
| (2) a. | segur <del>amente</del> mas lentamente            | > | segura mas lentamente     |
| b.     | pré- <del>tónicas</del> e pós-tónicas             | > | pré e pós-tónicas         |
|        | mono- <del>acentual</del> ou bi-acentual          | > | mono ou bi-acentual       |
|        | super <del>mercado</del> e hipermercado           | > | super e hipermercado      |
| c.     | macro- <del>economia</del> e micro-economia       | > | macro e micro-economia    |
|        | foto <del>montagem</del> e vídeo-montagem         | > | foto e vídeo-montagem     |
|        | luso- <del>asiáticos</del> ou afro-asiáticos      | > | luso ou afro-asiáticos    |
|        | auto- <del>avaliação</del> e hétero-avaliação     | > | auto e hétero-avaliação   |
|        | inter- <del>linguístico</del> e intra-linguístico | > | inter e intra-linguístico |

A impossibilidade de AEC em exemplos como os em (3-5) parece revelar a importância de um conjunto de aspectos, entre os quais (i) propriedades fonológicas das expressões coordenadas, (ii) a posição do constituinte apagado no interior das expressões coordenadas, e (iii) a natureza morfossintáctica dos termos coordenados. Em (3), como em (2), temos expressões coordenadas parcialmente idênticas formadas por palavras derivadas e compostos morfológicos. A diferença relativamente aos exemplos em (2) decorre de uma distinta estruturação prosódica. Em (4) as unidades coordenadas são morfofonologicamente similares às em (2), mas a posição do constituinte apagado é diversa. Finalmente, em (5) temos compostos sintácticos (envolvendo composição de palavras), por oposição a (2c), onde aparecem compostos morfológicos (envolvendo composição de radicais).<sup>2</sup>

(3)	no <del>acampamento</del> e acantonamento	>	* no acampa e acantonamento
	ele <del>desfez</del> e refez	>	* ele des e refez
	em <del>próclise</del> ou ênclise	>	* em pró ou ênclise
	a sua <del>biografia</del> e discografia	>	* a sua bio e discografia
	<del>agricultura</del> e horticultura	>	*agri e horticultura
(4)	pós-sintáctico e <del>pós</del> -fonológico	>	*pós-sintáctico e fonológico
	<del>pós</del> -sintáctico e pós-fonológico	>	*sintáctico e pós-fonológico
	euro-asiático e <del>euro</del> -africano	>	*euro-asiático e africano
	<del>euro</del> -asiático e euro-africano	>	*asiático e euro-africano
(5)	escolas- <del>piloto</del> e edifícios-piloto	>	*?escolas e edifícios-piloto
	peixe-espada ou <del>peixe</del> -aranha	>	*peixe-espada ou aranha

No seguimento deste estudo analisamos mais pormenorizadamente a razão de ser destes contrastes.

## 2. A natureza do constituinte apagado: fonológica e não morfológica ou sintáctica

Um dos aspectos interessantes do fenómeno em estudo reside no facto de nem todas as palavras derivadas ou compostas morfológicamente admitirem apagamento, tal como documentado acima. Esta impossibilidade não é, contudo, idiossincrática. Efectivamente, o contraste entre as formas em (2) e em (3) é explicável em termos fonológicos, dado que em todos os casos apresentados em (2) **não só a unidade que é apagada mas também a unidade que permanece na estrutura coordenada correspondem a palavras prosódicas autónomas**, contrariamente aos exemplos mostrados em (3). A estrutura prosódica relevante das unidades de cada tipo é ilustrada em (6).<sup>3</sup>

(6) a.	(pré) <sub>ω</sub> (tónicas) <sub>ω</sub> e (pós) <sub>ω</sub> (tónicas) <sub>ω</sub>	>	(pré) <sub>ω</sub> e (pós) <sub>ω</sub> (tónicas) <sub>ω</sub>
	(alegre) <sub>ω</sub> (mente) <sub>ω</sub> e (triste) <sub>ω</sub> (mente) <sub>ω</sub>	>	(alegre) <sub>ω</sub> e (triste) <sub>ω</sub> (mente) <sub>ω</sub>
b.	( <del>acampamento</del> ) <sub>ω</sub> e (acantonamento) <sub>ω</sub>	>	*( <del>acampa</del> ) <sub>ω</sub> e (acantonamento) <sub>ω</sub>
	(des( <del>fez</del> )) <sub>ω</sub> e (re(feiz)) <sub>ω</sub>	>	*( <del>des</del> ) <sub>ω</sub> e (re(feiz)) <sub>ω</sub>

Podemos sustentar estas observações recorrendo a alguns dos diagnósticos para a identificação da palavra prosódica no Português propostos em Vigário (2000, 2001): cada um dos termos coordenados em (2) apresenta dois acentos de palavra; as vogais acentuadas de cada palavra prosódica não sofrem redução vocálica (e.g. ‘mono-’, ‘macro-’); a vogal átona não-alta final de unidades como ‘inter-’, que se encontra em sílaba final fechada por soante, apresenta obrigatoriamente uma realização baixa; a vogal átona final de radicais não-finais em compostos morfológicos apresenta uma realização obrigatoriamente baixa (e.g. luso-asiático). Repare-se que

estas propriedades não caracterizam sistematicamente cada um dos termos coordenados em (3): cada termo coordenado apresenta um único acento de palavra; a redução vocálica pode aplicar-se à vogal que permaneceria na estrutura se AEC operasse (e.g. ‘agricultura’, ‘refazer’); a vogal átona final de radicais não-finais pode sofrer redução vocálica (e.g. biografia).

A importância para o AEC da organização das estruturas em palavras prosódicas foi anteriormente notada para outras línguas (cf. Booij 1985, 1988, Wiese 1993, 1996, Kleinhenz 1994). Tal como no Português, no Neerlandês e no Alemão estruturas coordenadas parcialmente idênticas apenas estão sujeitas a AEC se o elemento a apagar formar uma palavra fonológica - vejam-se os contrastes em (7) versus (8), adaptados de Booij (1985), envolvendo palavras derivadas por sufixação (nos exemplos os sufixos estão marcados a itálico).

- |     |   |            |
|-----|---|------------|
| (7) | a. (storm) <sub>ω</sub> ( <del>achtig</del> ) <sub>ω</sub> en (regen) <sub>ω</sub> ( <i>achtig</i> ) <sub>ω</sub> | Neerlandês |
|     | ‘tempestuoso e chuvoso’   |            |
|     | b. (erkenn) <sub>ω</sub> ( <del>bar</del> ) <sub>ω</sub> en (begreif) <sub>ω</sub> ( <i>bar</i> ) <sub>ω</sub>    | Alemão     |
|     | ‘reconhecível e compreensível’  |            |
| (8) | a. *(blau <i>wig</i> ) <sub>ω</sub> en (rodig) <sub>ω</sub>   | Neerlandês |
|     | ‘azulado e avermelhado’   |            |
|     | b. *(Bestraf <i>ung</i> ) <sub>ω</sub> oder (Beförderung) <sub>ω</sub>  | Alemão     |
|     | ‘castigo ou promoção’   |            |

Se bem que tanto Booij (1985) como Wiese (1993) coloquem a tónica no estatuto de palavra prosódica da unidade apagada, é evidente, pelo menos no Português, que esta condição fonológica incide sobre os dois termos coordenados, tal como demonstrado por sequências em que o primeiro termo é composto por duas palavras prosódicas mas o segundo não (cf. 9a versus 9b). As sequências em (10) mostram igualmente que não só a unidade apagada mas também a unidade que permanece na estrutura têm de ser palavras prosódicas (como referido acima, assumimos a prosodização dos prefixos átonos defendida em Vigário 1999, 2001).

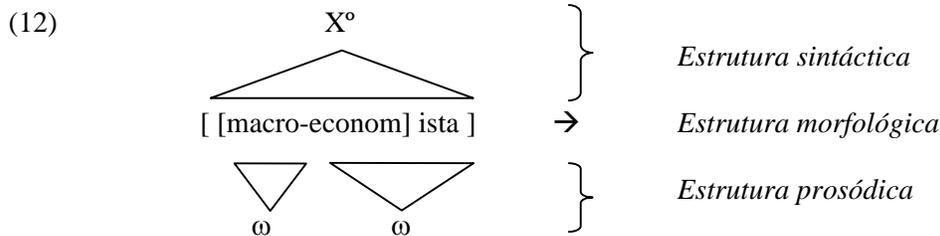
- |      |  |
|------|--|
| (9)  | a. *um torneio (intra) <sub>ω</sub> ( <del>nacional</del> ) <sub>ω</sub> e (internacional) <sub>ω</sub>                                  |
|      | b. diversidade (intra) <sub>ω</sub> ( <del>linguística</del> ) <sub>ω</sub> ou (inter) <sub>ω</sub> (linguística) <sub>ω</sub>           |
| (10) | *ele (des ( <del>fez</del> ) <sub>ω</sub> ) <sub>ω</sub> e (re ( <del>fez</del> ) <sub>ω</sub> ) <sub>ω</sub>                            |
|      | *nem (des ( <del>construiu</del> ) <sub>ω</sub> ) <sub>ω</sub> nem (re ( <del>construiu</del> ) <sub>ω</sub> ) <sub>ω</sub> o raciocínio |

Os dados acima apresentados são demonstrativos de que a **estrutura sobre a qual opera este processo é prosódica e não morfológica**, dado que unidades com a mesma natureza morfológica se comportam diversamente em função do seu estatuto prosódico.

Que **as unidades sobre as quais o processo opera não são sintáticas nem morfológicas** é ainda evidente no exemplo em (11): do ponto de vista sintático, *macro-economista* é uma unidade mínima, não existindo portanto dois constituintes sintáticos relativamente aos quais possa operar o processo de apagamento; do ponto de vista morfológico, apenas uma análise em que o sufixo *-ista* se adiciona ao radical *macro-econom-* é compatível com o significado da expressão, já que *macro-economista* é *um indivíduo que estuda macro-economia* e não *um grande economista* (cf. Villalva 1994); prosodicamente, é claro que tanto *macro-* como *economista* são duas palavras prosódicas autónomas, dado que ambas apresentam acento de palavra, a vogal tónica de *macro-* não sofre redução vocálica, a vogal final átona de *macro-* tem uma realização obrigatoriamente baixa e a vogal não-recuada e não-alta que inicia *economista* não centraliza para schwa, contrariamente ao que sucede em interior de palavra (cf. Vigário

2001). As representações sintáctica, morfológica e prosódica de *macro-economista* são mostradas em (12).

(11) macro-economistas e micro-economistas



Em conclusão, apenas prosodicamente é possível encontrar constituintes que se identificam com as sequências *macro-* e *economista* e, conseqüentemente, apenas uma análise prosódica permite a manipulação dessas unidades de modo independente.

### 3. A natureza do fenómeno: fonológica e não morfológica ou sintáctica

De acordo com Booij (1985, 1988), **a operação de apagamento depende da existência de coordenação**, sendo que esta é uma noção sintáctica.<sup>4</sup> A obrigatoriedade da estrutura de coordenação no Neerlandês e no Português é ilustrada em (13-14). Os exemplos em (14) mostram como estruturas fonologicamente paralelas mas sintacticamente distintas não admitem AEC no Português. Devemos salientar, em particular, que a conjunção de coordenação pode ou não ser expressa no exemplos em (13), e que a mera adjacência entre unidades parcialmente idênticas não é suficiente para haver apagamento (cf. 14b).

- (13) a. landbouw en tuinbouw                      Neerlandês (Booij 1985:147)  
       ‘agricultura e horticultura’  
       alegremente ou tristemente                Português  
       b. een elfjarige, twaalfjarige jongen      Neerlandês (Booij 1985:147)  
       ‘um jovem de doze, treze anos’  
       alegremente, tristemente ou indiferentemente    Português
- (14) a. \*apresentou afro-asiáticos aos euro-asiáticos  
       \*trocou as pré-tónicas pelas pós-tónicas  
       b. \*come frequentemente velozmente  
       \*ele fê-lo evidentemente inteligentemente

Não é portanto possível descrever o *contexto* de aplicação de AEC em termos puramente fonológicos, já que o fenómeno pode operar quer a conjunção esteja presente quer não. Para além disso, as conjunções são tipicamente clíticos fonológicos, da mesma forma que, por exemplo, *pelas* em (14a), pelo que as diferenças encontradas entre as várias construções não parecem poder ser explicadas fonologicamente (cf. Vigário 1999, 2001:cap.5 para uma caracterização fonológica dos clíticos no Português Europeu).

Poderá isto significar que estamos perante um processo sintáctico? Os dados apresentados na secção anterior mostram claramente que **o processo de apagamento não pode ser nem uma operação sintáctica nem uma operação morfológica**. Antes de mais, o fenómeno depende da existência de *identidade fonológica* parcial entre os termos coordenados. Para além disso, e como vimos acima, não só a estrutura prosódica das sequências coordenadas é crucial para a aplicação de AEC, já que unidades com a mesma natureza morfológica se comportam

diferentemente dependendo da sua estruturação prosódica, como ainda as unidades manipuladas pelo processo não podem ser definidas sintáctica ou morfológicamente (cf. (11) e (12), acima). O exemplo em (15a), retirado de Kleinhenz (1994), demonstra este último ponto também com dados do Alemão: ‘Him’ não é um morfema livre nesta língua e conseqüentemente esta sequência não pode resultar nem da coordenação sintáctica de ‘Him’ com ‘Brom’, nem do apagamento sintáctico de ‘beeren’, visto este não ser um constituinte sintáctico (para maior clareza, apresentamos neste caso a tradução inglesa juntamente com a portuguesa); o exemplo (15b) constitui um caso semelhante no Português ainda mais claro do que o apresentado em (11-12), já que nem *mono* ou *poli* nem *gâmicos* podem ser sintacticamente palavras independentes.

- (15) a. Him- und Brombeeren Alemão  
       ‘raspberries and blackberries’  
       ‘framboesas e amoras’  
       b. monogâmicos e poligâmicos Português

Outros factos que mostram que o fenómeno não pode ser explicado sintacticamente são apresentados em Booij (1985), Wiese (1993) e Kleinhenz (1994). Por exemplo, tanto no Neerlandês como no Alemão, as partes idênticas das unidades coordenadas podem ter diferentes estatutos morfossintácticos. Como ilustrado em (16), os constituintes apagados podem pertencer a compostos enquanto os correspondentes fonologicamente idênticos formam palavras independentes (cf. Booij 1985:143 para o exemplo do Neerlandês e Kleinhenz 1994:16 para o exemplo do Alemão).

- (16) [[[ijs]<sub>N</sub> [beren]<sub>N</sub>]<sub>NP</sub> en [[bruine]<sub>A</sub> [beren]<sub>N</sub>]<sub>NP</sub> Neerlandês  
       polares ursos e castanhos ursos  
       ‘ursos polares e ursos castanhos’  
       Verband Geburts~~behinderter~~ und anderer Behinderter Alemão  
       ‘sociedade de-deficientes-à-nascença e outros deficientes’

No Alemão, diferenças morfológicas entre marcadores casuais são também ignoradas pelo processo, sendo apenas necessário para AEC operar que se verifique identidade fonológica. Isto mesmo está ilustrado em (17), retirado de Wiese (1993:145).<sup>5</sup>

- (17) Wir müssen die Ritter~~schaften~~<sub>ACC</sub> von den Bauern~~schaften~~<sub>DAT</sub> unterscheiden  
       Weil Leitungsw~~asser~~<sub>NOM</sub> von Mineralw~~asser~~<sub>DAT</sub> zu unterscheiden ist,...

Como salientado em Booij (1985), sequências coordenadas como as em (18) mostram ainda que este tipo de estrutura não pode ser explicada por coordenação sintáctica básica sem apagamento. Efectivamente, os termos relevantes não podem ser basicamente coordenados porque pertencem a categorias morfossintácticas distintas: ‘ijs’ e ‘bruine’ pertencem à classe nominal e adjectival, respectivamente, enquanto ‘wis’ e ‘sterren’ pertencem à classe adjectival e nominal, respectivamente.

- (18) wis~~kunde~~ en sterrenkunde Neerlandês (cf. Booij 1985:145)  
       conhecimento-exacto e conhecimento-estrelas  
       ‘matemática e astronomia’

Booij nota ainda que a hipótese de coordenação básica sem apagamento é incompatível com a presença de vogal de ligação típica de compostos morfológicos, mas não sintácticos. Tal verifica-se efectivamente tanto no Neerlandês como no Português (cf. 19).

- (19) ~~wespesten~~ en ~~bijesteken~~ Neerlandês (cf. Booij 1985:146)  
 ‘picadas-de-vespa e picadas-de-abelha’  
 o conflito israelo-~~palestiniano~~ ou afro-palestiniano Português

Refira-se que no exemplo do Português, *Israel* pode ser formalmente uma palavra ou um radical, mas *afro* não existe autonomamente, o que uma vez mais mostra que a coordenação básica destas unidades (i.e. [*Israelo e afro*]) não é uma análise plausível para estas estruturas.

Em resumo, a operação em causa tem que ser o resultado do apagamento de um constituinte, e não de coordenação básica sintáctica sem apagamento, e **essa operação de apagamento não pode ter uma natureza morfológica ou sintáctica mas sim fonológica.**

#### 4. Restrições posicionais sobre o constituinte apagado

Considerando as estruturas coordenadas parcialmente idênticas em que verificámos já que AEC pode ocorrer no Português, importa-nos saber quais as posições que o constituinte omitido pode ocupar.

No Português **apenas parece possível o apagamento da segunda palavra prosódica do primeiro termo coordenado.** Isto é visível nos contrastes em (20) e (21).

- (20) luso-~~asiáticos~~ ou afro-asiáticos > luso ou afro-asiáticos  
 auto-~~avaliação~~ e hétero-avaliação > auto e hétero-avaliação  
 inter-~~linguístico~~ e intra-linguístico > inter e intra-linguístico

- (21) ?\*as populações afro-asiáticas e ~~afro~~-americanas  
 ?\*os fenómenos inter-linguísticos ou ~~inter~~-raciais  
 ?\*vestígios pré-romanos e ~~pré~~-muçulmanos

Este aspecto parece ser específico de línguas como o Português (e também o Castelhana), dado que tanto no Neerlandês como no Alemão se encontram numerosos exemplos de apagamento da primeira palavra prosódica do segundo termo coordenado, como ilustrado em (22) (exemplos retirados, respectivamente, de Booij 1985:148 e Kleinhenz 1994:15)

- (22) ~~regel~~ordening en ~~regel~~toepassing Neerlandês  
 regra ordenação e regra aplicação  
 ‘aplicação e ordenação de regras’  
 Pseudoargumente und -lösungen Alemão  
 ‘pseudo-argumentos e ~~pseudo~~-soluções’

Esta diferença entre línguas pode decorrer das suas propriedades sintácticas. Com efeito, pelo menos no Português (bem como no Castelhana e no Catalão - J. Mascaró c.p.) sequências como as em (21) são no mínimo ambíguas, podendo, ou mesmo devendo, ser interpretadas como envolvendo a coordenação básica dos termos relevantes sem qualquer operação de apagamento (e.g. [[inter-linguísticos]<sub>A</sub> e [raciais]<sub>A</sub>]). De acordo com estes dados, **quando AEC produz resultados semelhantes a estruturas basicamente coordenadas sem apagamento, a interpretação associada a estruturas de apagamento é bloqueada.** Como veremos na secção seguinte, a ambiguidade local pode ser responsável por outros casos em que AEC não se aplica, tanto no Português como noutras línguas.

### 5. Termos coordenados que não admitem apagamento no Português

Mesmo obedecendo às condições fonológicas até aqui enunciadas, nem todas as palavras derivadas ou compostas podem sofrer AEC. No interior da classe dos compostos, parece estabelecer-se uma distinção entre compostos morfológicos (envolvendo a concatenação de radicais) e compostos sintáticos (envolvendo a concatenação de palavras). Efectivamente, as sequências em (23), contrariamente às sequências em (2c), que envolvem compostos morfológicos, não são (pelo menos preferencialmente) interpretadas como estruturas de apagamento.

- (23) Visitou escolas e cantinas-modelo  
(?\*Visitou escolas-~~modelo~~ e cantinas-modelo)  
Disseram-se muitas palavras e ideias-chave  
(?\*Disseram-se muitas palavras-~~chave~~ e ideias-chave)  
O mar estava verde ou azul-água  
(?\*O mar estava entre verde-~~água~~ ou azul-água)

Estruturas com palavras sufixadas como as em (24) também não são interpretáveis como resultando de apagamento.

- (24) a. Era um fulano bom mas estupidozinho  
(?\*Era um fulano bom-~~zinho~~ mas estupidozinho)  
b. Pode escolher-se entre café e chazito  
(?\*Pode escolher-se entre cafe-~~zito~~ e chazito)

Em ambos os casos, e tal como admitido para os exemplos em (21), é concebível que a razão subjacente à impossibilidade de AEC seja a existência de estruturas alternativas sem apagamento igualmente bem formadas. O resultado de AEC seria, com efeito, idêntico a estruturas coordenadas que não resultam de apagamento, em todas estas situações. Coerente com esta hipótese é o comportamento dos sufixos com acento *próprio* que não desencadeiam ambiguidade estrutural. Para além dos exemplos com *-mente* já apresentados acima, as palavras formadas com *avos*—cujo comportamento fonológico é semelhante a outras palavras sufixadas que formam duas palavras prosódicas (cf. Vigário 2001:cap.6)—, admitem AEC, como ilustrado em (25). Crucialmente, aqui a omissão do sufixo não provoca ambiguidade, havendo sempre uma leitura que subentende *avos* no primeiro termo coordenado.

- (25) Estão a jogar-se os (dezassete)<sub>o</sub> (~~avos~~)<sub>o</sub> ou (dezoito)<sub>o</sub> (avos)<sub>o</sub> de final

É interessante notar que uma explicação semelhante a esta é avançada em Wiese (1996:70) para casos do Alemão em que se verificam as condições fonológicas necessárias para haver apagamento, mas em que, por existir ambiguidade local, AEC é bloqueada. **O facto de as mesmas sequências superficiais existirem independentemente da aplicação do apagamento parece impedir uma interpretação associada a estruturas de apagamento**, também nesta língua.

Outros exemplos envolvendo compostos sintáticos em que não existe ambiguidade são apresentados em (26). Nestes casos, porém, a unidade elidida é a primeira palavra prosódica do segundo termo coordenado. Tal como nos exemplos mostrados na secção anterior envolvendo palavras prefixadas e compostos morfológicos, também aqui esse constituinte não pode ser apagado.

- (26) ?\*A tua mãe comprou um casaco verde-seco ou ~~verde~~-azeitona?  
?\*Preferes azul-petróleo ou ~~azul~~-bebé?

Estes dados mostram que **o constituinte que elide nesta língua corresponde necessariamente à segunda palavra prosódica do primeiro termo coordenado**, independentemente de factores como a existência de estruturas ambíguas.

Não encontramos, portanto, no Português exemplos de AEC quando os termos coordenados são compostos sintácticos. Nos nossos dados, ou a estrutura resultante é interpretável como uma forma basicamente coordenada sem apagamento, ou a sequência é tal que o constituinte a apagar corresponderia à primeira palavra prosódica do segundo termo composto, o que é impossível no Português, independentemente da natureza morfossintáctica dos termos coordenados. Segundo cremos, são estas as razões que impedem que AEC ocorra em compostos de palavras no Português e não uma restrição mais geral impedindo que AEC se aplique a compostos sintácticos, mas não morfológicos.

A possibilidade de AEC com compostos morfossintácticos, formados pelas categorias V+N (cf. Villalva 1994), aponta também no sentido da ausência de restrições quanto ao tipo de composto envolvido (vejam-se os exemplos em (27)).

- (27) Só ofereceu pisa-~~papéis~~ e corta-papéis no Natal.  
Ele fabrica porta-~~lapis~~ ou afia-lápis?

Outras formações curiosas do ponto de vista de AEC são as construções mesoclíticas. Neste caso, como no anterior, apenas uma interpretação com apagamento está disponível. Aqui, no entanto, AEC parece produzir um resultado um pouco menos aceitável (veja-se (28)), onde marcamos a estrutura prosódica relevante, de acordo com o defendido em Vigário 2001:cap.6).

- (28) ?Se pudesse (escrevê-lo)<sub>ω</sub> (~~ia~~)<sub>ω</sub> e (editá-lo)<sub>ω</sub> (ia)<sub>ω</sub>  
?Se fosse possível (concebê-lo)<sub>ω</sub> (~~ia~~)<sub>ω</sub> e (executá-lo)<sub>ω</sub> (ia)<sub>ω</sub>

A nossa percepção destes casos é a de que AEC é possível, embora pensemos que não se verifica nas produções dos falantes. Uma explicação para estes dados pode simplesmente passar pelo facto de esta não ser uma construção com plena vitalidade na língua.

Em resumo, no Português existem instâncias de apagamento em estruturas de coordenação parcialmente idênticas envolvendo palavras prefixadas e sufixadas, compostos morfológicos (com concatenação de radicais) e compostos morfossintácticos (formados pelas categorias V+N). Quando os termos coordenados são compostos sintácticos, as estruturas podem ser interpretadas como envolvendo coordenação sem apagamento, sendo bloqueada a leitura com AEC. Finalmente, no caso das formas verbais com mesóclise, AEC não parece ser uma estratégia utilizada pelos falantes, embora neste caso o apagamento não seja sentido como totalmente impossível. Em todos os casos, apenas o apagamento da segunda palavra prosódica do primeiro termo coordenado é permitido.

## 6. Formalização do processo

O fenómeno de apagamento em estudo apresenta no Português um conjunto de propriedades que também se verificam no Neerlandês (Booij 1985): (a) o apagamento apenas se observa em estruturas sintácticas coordenadas; (b) o apagamento depende da existência de identidade parcial entre os termos coordenados; (c) a unidade apagada pertencente a um dos termos coordenados, cuja forma é idêntica a parte do segundo termo da coordenação, tem que corresponder a uma palavra prosódica. Vimos ainda, que, não só a unidade que é apagada, mas também a unidade que permanece na estrutura tem de ser uma palavra prosódica e que a estrutura prosódica do segundo

termo coordenado tem de ser também composta por duas palavras prosódicas. O Português distingue-se, no entanto, de línguas como o Neerlandês e o Alemão, pelo facto de apenas admitir apagamento no primeiro termo coordenado, mas não no segundo.

Booij sustenta que a unidade apagada tem que estar adjacente a uma conjunção coordenativa. Esta proposta encontra, porém, algumas dificuldades. Antes de mais, tanto no Português como em exemplos do Neerlandês apresentados por este autor, AEC pode operar mesmo quando não está fonologicamente expressa a conjunção de coordenação (vejam-se os exemplos em (13b), acima). Outro dado que contraria a proposta de Booij é a existência de línguas em que a unidade suprimida pode corresponder à segunda palavra prosódica do segundo termo coordenado, como no Catalão (cf. Fabra 1956:81, P. Prieto c.p.):<sup>6</sup>

- |      |                              |         |
|------|------------------------------|---------|
| (30) | claramente i diàfana         | Catalão |
|      | ‘claramente e diafanamente’  |         |
|      | humilmente i devota          | Catalão |
|      | ‘humildemente e devotamente’ |         |

A alternativa que aqui sugerimos seguindo Booij (1988) é a de que a unidade apagada se tem de encontrar junto a um limite de sintagma fonológico. Tal verifica-se em todos os casos descritos do Neerlandês, Alemão, Português, Catalão e Castelhana em que a unidade apagada corresponde à segunda palavra prosódica do termo coordenado. A mesma análise pode também estender-se aos casos em que essa unidade corresponde à primeira palavra prosódica do segundo termo coordenado, se as conjunções forem prosodizadas como adjuntas ao sintagma fonológico ou à palavra prosódica (sobre a prosodização dos clíticos no Neerlandês e no Alemão, veja-se, respectivamente, Booij 1996 e Hall 1999b). A proposta de Booij (1988) e Wiese (1993:146) pressupõe também a adjacência do constituinte apagado à fronteira inicial ou final de  $\phi$ . Contudo, para Wiese o fenómeno é puramente fonológico não referindo informação sintáctica, o que, como vimos na secção 3 não pode ser mantido, pelo menos nas restantes línguas aqui referidas.

No que diz respeito à informação sintáctica relevante para o processo operar, constatámos que a presença de estruturas de coordenação é crucial. Mais problemático é determinar onde termina o fenómeno fonológico e onde começa a coordenação sintáctica básica sem apagamento fonológico ou a coordenação envolvendo eclipse sintáctica. Todos os casos que descrevemos para o Português até aqui envolvem coordenação de cabeças sintácticas—a operação de apagamento dá-se no interior de átomos sintácticos, pelo que é claro que o fenómeno não pode ser analisado com o recurso a categorias vazias sintácticas, nem a coordenação básica sem apagamento. No entanto, de acordo com Booij (1985), o fenómeno verifica-se não só com palavras complexas coordenadas, mas também com a coordenação de cabeças lexicais, bem como das suas projecções máximas. Exemplos deste último tipo, apresentados em Booij (1985:147) como resultantes de AEC, são reproduzidos em (31) (para melhor compreensão, fornecemos também a tradução e a etiquetagem dadas no original).

- |      |   |            |
|------|---|------------|
| (31) | a. [de land <b>bow</b> ] <sub>NP</sub> en [de tuin <b>bow</b> ] <sub>NP</sub>                             | Neerlandês |
|      | the agriculture and the horticulture  |            |
|      | ‘a agricultura e a horticultura’  |            |
|      | b. ...dat Jan [eerst appelsap- <del>dronk</del> ] <sub>VP</sub> en [daarna druivesap] <sub>VP</sub> dronk | Neerlandês |
|      | that John first apple-juice drank and then grape-juice drank  |            |
|      | ‘que John primeiro bebeu sumo de maçã e depois bebeu sumo de uva’   |            |
|      | c. ...dat [Jan appelsap- <del>dronk</del> ] <sub>S</sub> en [Piet druivesap dronk] <sub>S</sub>           | Neerlandês |
|      | that John apple juice drank and Peter grape juice drank   |            |
|      | ‘que John bebeu sumo de maçã e Peter bebeu sumo de uva’   |            |

Por limitações de espaço não podemos desenvolver aqui este tópico. Salientamos, contudo, que a coordenação básica de cabeças sintácticas é uma possibilidade no Português, e que, quando tal sucede, é impossível uma interpretação de apagamento fonológico. Por exemplo, a frase em (32), retirada de Mateus *et al.* (1989:259), apenas pode ter a interpretação em (32a) e não a interpretação em (32b), que resultaria do apagamento fonológico.

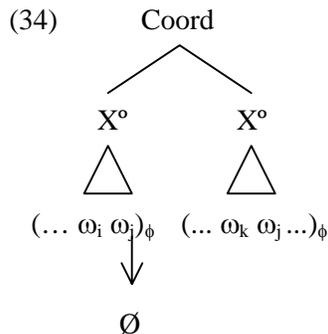
- (32) As pessoas *baixas e magras* têm mais facilidade de encontrarem fatos à sua medida  
 a. As pessoas simultaneamente baixas e magras têm mais facilidade de encontrarem fatos...  
 b. Tanto as pessoas baixas como as pessoas magras têm mais facilidade de encontrarem...

Por outro lado, frases do Português em que o verbo surge omitido, como (33), parcialmente semelhantes à frase (31c) do Neerlandês, mostram claramente que a omissão do verbo não decorre do fenómeno fonológico de apagamento que vimos descrevendo, uma vez que o constituinte apagado não se encontra adjacente à conjunção presente na estrutura, nem os sintagmas fonológicos que exibem identidade parcial são contíguos. Por outras palavras, o fenómeno aqui em questão não é, muito provavelmente, o resultado de AEC mas sim de elipse sintáctica de V (cf. Mateus *et al.* 1989:11.3).

- (33) (O João)<sub>φ</sub> (bebeu sumo)<sub>φ</sub> (e o Pedro)<sub>φ</sub> (~~bebeu~~ água)<sub>φ</sub>

Note-se ainda que, de acordo com Mateus *et al.* (1989:260), quando constituintes coordenados possuem dois elementos idênticos, é o segundo que sofre elipse e não o primeiro. Como vimos, este não é o caso do apagamento de constituintes fonológicos, o qual afecta no Português o primeiro termo coordenado. **A nossa sugestão é, assim, a de que o fenómeno de apagamento de palavra fonológica apenas se aplica em estruturas com coordenação de átomos sintácticos.** Consequentemente, qualquer outro caso em que estejam envolvidos dois constituintes sintácticos em estruturas coordenadas não deverão ser explicados através de AEC. Este tópico parece-nos merecedor de um estudo mais aprofundado, que teremos de deixar para investigação futura.

Independentemente dos detalhes da estrutura sintáctica que define, em parte, o contexto para a aplicação do apagamento fonológico em estruturas coordenadas parcialmente idênticas, propomos que no Português esteja activa a regra formalizada em (34) (em que *Coord* representa o nó que domina uma estrutura sintáctica de coordenação).



Booij (1985) sustenta ainda que, para além das condições sintácticas e fonológicas, o constituinte que fica do termo coordenado no interior do qual se opera o apagamento tem que ser susceptível de receber foco. Este facto seria responsável pela impossibilidade de AEC em exemplos como (35a), que contrasta com (35b). A estrutura prosódica dada para cada caso é a seguinte: ((Bleinheim)<sub>ω</sub> ((bommen)<sub>ω</sub> (werper)<sub>ω</sub>)<sub>ω'</sub>)<sub>ω''</sub>; (((land)<sub>ω</sub> (bouw)<sub>ω</sub>)<sub>ω'</sub> (machines)<sub>ω</sub>)<sub>ω''</sub>.

- (35) a. \*Bleinheimbommenwerpers en Beaufortbommenwerpers  
 Bleinheim bombs thrower and Beaufort bombs thrower  
 ‘Bombeiros de Blenheim e bombeiros de Beaufort’  
 b. landbouwmachines en tuinbouwmachines  
 agricultural machines and horticultural machines  
 ‘máquinas de agricultura e horticultura’

Kleinhenz (1994:22) vai mais longe propondo que a regra não só apaga uma palavra prosódica, como também *atribui* foco à que fica. Independentemente da razão de ser dos dados em (35), pensamos que ela não passa pela atribuição de foco fonológico. No Português é claro que a unidade que fica na estrutura não recebe acento de foco, caso contrário esperaríamos que houvesse deslocamento do acento nuclear da frase, bem como o estreitamento do espaço tonal à sua direita, o que não se verifica (sobre a caracterização fonológica de frases focalizadas no Português Europeu, veja-se, por exemplo, Frota 2000 e Vigário 1998). Há, contudo, no Português um efeito de acentuação que pode ser explicado, naturalmente, pelo facto de se apagar o constituinte final de sintagma fonológico, passando a unidade que permanece na estrutura a ser portadora de acento de  $\phi$  (quando anteriormente apenas tinha o nível de acento de palavra). Note-se, de toda a forma, que os dados acima mostram que, na análise de AEC, é necessário ter em conta a estruturação prosódica dos compostos. Se ela deve ser entendida com níveis de encaixe ilimitado, tal como proposto em Booij (1985) e em Wiese (1996) para o Neerlandês e o Alemão, ou como composição de constituintes prosódicos com níveis limitados (como sugerido em Vigário 2001:chap.6 para o Português), é uma questão que deve ser aprofundada antes de podermos compreender plenamente casos como os em (35). Note-se que, independentemente da melhor análise para os compostos nas línguas germânicas, e mesmo considerando a análise assumida em Booij, o contraste notado em (35) pode ser explicado à luz das generalizações que estabelecemos até aqui. Como vimos, é crucial para AEC que a unidade que permanece na estrutura seja uma palavra prosódica. Ora, esta condição verifica-se apenas em (35b), onde essa unidade é uma palavra prosódica composta, mas não em (35a), onde não existe um nó  $\omega$  que domine *Bleinheim e bommen*.

### 7. Conclusão e outras questões

Vimos neste artigo que existe nas línguas um processo de apagamento que opera em estruturas coordenadas parcialmente idênticas e que afecta constituintes cuja definição não é nem morfológica nem sintáctica, mas sim prosódica. Embora a sua existência tenha sido previamente notada no Neerlandês e no Alemão por Booij (1985, 1988), Wiese (1993, 1996) e Kleinhenz (1994), uma comparação entre o fenómeno nas línguas germânicas e em línguas românicas como o Português, o Castelhana ou o Catalão, revela algumas possibilidades de variação interlinguística. Entre estas possibilidades salientamos as seguintes. No Neerlandês e no Alemão, não só a segunda palavra prosódica do primeiro termo coordenado, mas também a primeira palavra prosódica do segundo termo coordenado podem elidir. De acordo com os nossos informantes, no Português E(uropeu) ou B(rasileiro), no Castelhana e no Catalão a unidade apagada corresponde ao primeiro termo coordenado (veja-se o exemplo em 36).

- (36) pre i postaccentual      Catalão  
 afro i euroasiàtic      Catalão

Por outro lado, se bem que AEC seja possível no Português Europeu, no Castelhana e no Catalão com advérbios formados com *-mente* coordenados, no Catalão é a última instância do sufixo que é elidida.<sup>7</sup> Este é, na realidade, único caso de que temos conhecimento em que a segunda palavra

prosódica do segundo termo coordenado pode ser apagado. As diferentes possibilidades, juntamente com referência a línguas que as instanciam estão listadas em (37).

- |      |  |  |
|------|--|--|
| (37) | a. $\omega_i \text{ } \textcircled{+} \dots \omega_k \omega_j$ | Neerlandês, Alemão, PE, PB <sup>8</sup> , Castelhana, Catalão, Italiano <sup>9</sup> |
|      | b. $\omega_i \omega_j \dots \textcircled{+} \omega_k$          | Neerlandês, Alemão   |
|      | c. $\omega_i \omega_j \dots \omega_k \textcircled{+} \omega_j$ | Catalão  |
|      | d. $\textcircled{+} \omega_j \dots \omega_i \omega_k$          | Inexistente?   |

A este respeito, duas questões se levantam de imediato: (i) o que explica a variação inter-linguística?; (ii) o padrão (d) não ocorre apenas nas línguas em observação ou é uma impossibilidade universal, e porquê? Sem pretendermos responder a estas questões, não deixámos de sugerir acima que pode haver uma relação entre as propriedades sintácticas das línguas e, pelo menos, a (im)possibilidade descrita em (b), já que, por um lado, nas línguas românicas a instanciação de (b) produz, frequentemente, resultados coincidentes com estruturas que existem independentemente de AEC, e, por outro, é sabido que línguas como o Neerlandês e o Alemão apresentam não só estruturas com recursividade à direita, tal como as línguas românicas, mas também com recursividade à esquerda. Importante será também determinar a relevância para AEC de eventuais diferenças inter-linguísticas nas atribuições de proeminência ao nível dos constituintes superiores à palavra prosódica.

No seio das línguas Românicas, existem ainda outros factores de variação. Por um lado, nem todas admitem AEC com advérbios formados com *-mente*, como é o caso do Italiano e do Francês, e é também a tendência no Catalão. Por outro lado, existem casos de AEC aceites pelos falantes do PB, que não são legítimos em PE, por exemplo, *ex e incorporar*, *ex e importar*, *in e exclusive* (os dois últimos exemplos são retirados de Moreno 1997, citado em Schwindt 2000). Uma razão plausível para este tipo de variação é a existência de uma diferente estruturação prosódica deste tipo de sequência nas duas variedades. Por exemplo, se *ex-* e *in-* puderem formar palavras prosódicas autónomas no PB, mas não no PE, AEC é possível nas formas acima do PB, contrariamente ao PE. Inversamente, se *-mente* formar uma palavra prosódica autónoma no PE, mas não no Italiano e no Francês, AEC pode ocorrer com advérbios em *-mente* no PE, mas não nessas línguas (veja-se Vigário 2001 para a sustentação destas observações no PE).

Para finalizar, e muito brevemente, gostaríamos de chamar a atenção para uma questão que estes dados levantam no quadro da organização da gramática, deixada em aberto em Booij (1985). Foram vários os investigadores que ao longo das últimas décadas sugeriram que os processos sintácticos não podem referir informação fonológica e vice-versa. Em Frota e Vigário (2002) foi mostrado que há um conjunto de construções sintácticas que são sensíveis a efeitos de peso fonológico no Português (veja-se este artigo também para uma revisão dos trabalhos versando sobre este assunto). Como vimos, o fenómeno de apagamento aqui estudado refere também informação sintáctica e informação fonológica. Tal como os processos sintácticos sensíveis a efeitos de peso fonológico, **sugerimos que também o locus deste processo de apagamento seja a interface sintaxe-fonologia**, já que esse é o ponto na gramática em que a estrutura prosódica acima da palavra é construída, com base em informação sintáctica, e em que, informação sintáctica e fonológica têm de coexistir por razões independentes.

### Referências

- BOOIJ, G. 1985. Coordination Reduction in Complex Words: A case for prosodic phonology. In H. van der Hulst e N. Smith (eds.) *Advances in Nonlinear Phonology*. Dordrecht: Foris, 143-160.

- BOOIJ, G. 1988. On the relation between lexical and prosodic phonology. In P.M. Bertinetto e M. Loporcaro (eds.) *Certamen Phonologicum*. Torino: Rosenberg and Sellier, 63-76.
- CUESTA, P.V. e M.A. Luz. 1971. *Gramática da Língua Portuguesa*. Tradução de A.M. Brito e G. Matos. Lisboa: Edições 70.
- CUNHA, C. e L. Cintra. 1984. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa (2<sup>nd</sup> ed.).
- DUARTE, I. e G. Matos. 2000. Romance Clitics and the Minimalist Program. In J. Costa (ed.) *Portuguese Syntax. New Comparative Studies*. Oxford: Oxford University Press, 116-142.
- FABRA (1956) *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Real Academia Española.
- FROTA, S. e M. Vigário. 2002. Efeitos de peso no Português Europeu. In M.H. Mateus e C.N. Correia (eds.) *Saberes no Tempo. Homenagem a Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Colibri, 315-333.
- HALL, T.A. 1999a. Phonotactics and the Prosodic Structure of German Function Words. In T.A. Hall e U. Kleihenz (eds.) *Studies on the Phonological Word*. Amsterdam: John Benjamins, 99-131.
- HALL, T.A. 1999b. The Phonological Word: a Review. In T.A. Hall e U. Kleinhenz (eds.) *Studies on the Phonological Word*. Amsterdam: John Benjamins, 1-22.
- KLEINHENZ, U. 1994. *Focus and Phrasing in German*. Arbeitspapiere de Sonderforschungsbereichs 340.
- MATEUS, M.H. et al. 1989 *Gramática da Língua Portuguesa*. 2<sup>a</sup> ed. revista e aumentada. Lisboa: Caminho.
- MORENO, C. 1997. *Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical*. Dissertação de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- NUNES DE FIGUEIREDO, J.M e A. Gomes Ferreira. 1979. *Compêndio de Gramática Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- PEPERKAMP, S. 1997. *Prosodic Words*. HIL Dissertations 34. The Hague: Holland Academic Graphics.
- SCHWINDT, L.C. 2000. *O prefixo no Português Brasileiro: análise morfofonológica*. Dissertação de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- VIGÁRIO, M. 1998a. *Aspectos da Prosódia do Português Europeu: estruturas com Advérbios de Exclusão e Negação Frásica*. Braga: Universidade do Minho/CEHUM.
- VIGÁRIO, M. 1999. On the Prosodic Status of Stressless Function Words in European Portuguese. In T.A. Hall e U. Kleihenz (eds.) *Studies on the Phonological Word*. Amsterdam: John Benjamins, 255-294.
- VIGÁRIO, M. 2000. Palavra prosódica e composição no Português Europeu. In R. V. Castro e P. Barbosa (eds.) *Actas do XV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Vol. 2. Coimbra: APL, 583-602.
- VIGÁRIO, M. 2001. *The prosodic word in European Portuguese*. Dissertação de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- VILLAVA, A. 1994. *Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português*. Dissertação de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- WIESE, R. 1993. Prosodic phonology and its role in the processing of written language. In G. Görz (ed.) *Konvens 92*. Berlin: Springer-Verlag, 139-148.
- WIESE, R. 1996. *The Phonology of German*. Oxford: Clarendon Press.

---

\* Gostaríamos de agradecer a Maria Helena Mateus, Geert Booij, Sónia Frota e Joan Mascaró, bem como a Rita Patrício, Pilar Prieto, Luiz Carlos Schwindt, Luciani Tenani e Carlos Tenani, as discussões sobre o assunto desenvolvido neste artigo e/ou os juízos sobre alguns dos exemplos apresentados. Este trabalho foi

---

feito no âmbito do projecto financiado pela FCT / FEDER “Compreender a fonologia: Os constituintes fonológicos no Português Europeu” (POCTI / 33277 / LIN / 2000).

<sup>1</sup> Seguimos a expressão usada em Hall (1999a) *Coordinate Structure Deletion*. Booij (1985, 1988) e Kleinhenz (1994) designam o mesmo fenómeno *Coordination Reduction*, Wiese (1996) refere-se a ‘grapping phenomena’. Outro termo utilizado para designar o processo é *Deletion Under Identity* (e.g. Peperkamp 1997, Vigário 2001), expressão também usada na descrição do processo em Booij (1985:143): “[it is] a rather peculiar type of reduction whereby parts of complex words are deleted under identity with parts of complex words in the same phrase”.

<sup>2</sup> Sobre a distinção entre compostos sintácticos, compostos morfológicos e compostos morfossintácticos veja-se Villalva (1994:cap.6).

<sup>3</sup> Tal como mostrado em Vigário (1999, 2001:cap.5) os prefixos átonos não constituem palavras prosódicas autónomas. Contrariamente aos sufixos, contudo, não são *incorporados* na palavra prosódica da sua base morfológica. Antes são a ela adjungidos. Assim, comportam-se fonologicamente como iniciando palavra fonológica (e.g. podem receber acento secundário inicial), embora o início da base morfológica apresente também o comportamento característico do início de palavra prosódica (e.g. podem também receber acento secundário inicial e as vogais em posição inicial não reduzem tanto quanto em interior de palavra).

<sup>4</sup> No Alemão outras construções parecem permitir AEC (cf. Wiese 1993 e Kleinhenz 1994). Exemplos como os em (i), retirados em Kleinhenz (1994:17), levam Wiese (1993) a considerar que o contexto para o apagamento pode ser definido apenas fonologicamente.

(i) Sie ersetzen Ofen~~heizung~~ durch Zentralheizung

‘Eles trocaram o aquecimento-por-fogão pelo aquecimento-central’

Como veremos abaixo, este tipo de casos não ocorre no Português, sendo impossível definir o contexto de AEC em termos puramente fonológicos.

<sup>5</sup> Os exemplos retirados de Wiese (1993) são apresentados sem tradução no original.

<sup>6</sup> De notar, no entanto, que a ausência de apagamento é considerada melhor no Catalão (cf. Fabra 1956:81 e P. Prieto c.p.).

<sup>7</sup> Demonstrativo da vitalidade deste tipo de apagamento no Castelhana é o facto de se encontrar facilmente casos de AEC com advérbios em *-mente* na imprensa diária (cf. *...afecte, única y exclusivamente, a los...* in *Ideal* de 12 Setembro de 2001).

<sup>8</sup> Embora os dados de AEC no PB não sejam rigorosamente idênticos aos do PE, como veremos abaixo, de acordo com os dados obtidos junto aos nossos informantes, também nesta variedade o apagamento apenas pode afectar o segundo constituinte prosódico do primeiro termo coordenado.

<sup>9</sup> Exemplos do Italiano são *filo o antisovietico e pre o postbellico* (cf. Peperkamp 1997:137).